

# Uma genealogia dos corpos que mudam\*

Elias Ferreira Veras\*\*

O livro “Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias ‘travesti’ e ‘transexual’ no discurso científico”, de Jorge Leite Jr, difere dos trabalhos brasileiros sobre o que Benedetti (2005) chama de “universo *trans*”. A pesquisa, apresentada originalmente como tese de doutorado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC/SP, *não* traz uma etnografia com travestis que se prostituem, que militam no movimento *trans* ou que atuam no combate à aids; *não* foi escrita a partir das narrativas de travestis e de transexuais sobre suas modificações corporais ou sobre os inúmeros preconceitos e violências vivenciados cotidianamente por esses sujeitos – temas predominantes no *script* das obras sobre travestis brasileiros/as nos últimos trinta anos. Desse modo, a afirmação aparentemente óbvia que inicia esta resenha – não existe pesquisa igual à outra –, no caso da pesquisa empreendida por Jorge Leite, é radicalizada. Sua análise da invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico apresenta uma perspectiva *nova* sobre o “universo *trans*”.

Tal perspectiva deve-se, principalmente, à utilização do método histórico-genealógico, conforme ensinado pelo filósofo Michel Foucault. A escolha da palavra “invenção” – presente no título da tese e preservada no título do livro – é significativa da

---

\* Resenha de LEITE JÚNIOR, J. *Nossos corpos também mudam - a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico*. São Paulo, Annablume, 2011. Recebida para publicação em 23 de janeiro de 2012, aceita em 14 de agosto de 2012.

\*\* Doutorando no Programa de Pós Graduação em História Cultural da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob a orientação das professoras Roselane Neckel e Joana Maria Pedro. Bolsista CAPES.

perspectiva teórico-metodológica adotada por Jorge Leite. Embora o autor não desenvolva explicitamente uma reflexão teórica sobre o conceito de invenção, percebemos sua filiação ao pensamento de Michel Foucault. Em dois textos sobre o filósofo Friedrich Nietzsche, presentes na bibliografia de Jorge Leite, Foucault refletiu sobre as diferenças entre “invenção” e “origem” para pensar uma perspectiva genealógica da história (Foucault, 2002; 2005).

Jorge Leite realiza uma pesquisa da invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico, mas também na literatura e na filosofia, desnudando a maneira como essas categorias foram criadas e transformadas ao longo dos séculos, da Antiguidade à Contemporaneidade. Afirma que “as matrizes conceituais que fecundaram o solo em cima do qual hoje nós plantamos e colhemos novas ideias” (p. 25) é fruto da produção e transformação discursiva sobre os corpos, com “origem” na Antiguidade, quando a figura do hermafrodita aparece indissociável da ideia do andrógino – junções do masculino e do feminino no mesmo corpo.

A figura do hermafrodita/andrógino será uma constante que atravessará épocas e territórios dentro do que se convencionou chamar de cultura do Ocidente, defende Jorge Leite. Essa figura e suas variações (pseudo-hermafrodita, hermafrodita psíquico e travesti) serão os protagonistas da primeira parte do livro. Em sua interpretação,

o novo e último hermafrodita conceitual do Ocidente, o do século XIX, é o grande pai – e mãe – das identidades “transgêneras” da segunda metade do século XX e início do XXI: travestis, transexuais, *drag queens*, *drag kings*, intersexos, *crossdressers*, entre tantas outras identidades em constante surgimento (p. 34).

A princípio, essa afirmação assume um tom um tanto evolucionista. Contudo, o autor mostra como essas invenções foram/são atravessadas por disputas, contradições, rupturas,

mudanças, e o surgimento de novas entidades conceituais historicamente situadas. Como lembra Berenice Bento no prefácio do livro, o autor não está preocupado com as origens (no sentido de acontecimento primeiro) ou com a evolução linear da história (o que seria uma perspectiva positivista), mas com o momento de emergência, de invenção de determinado discurso, localizado na história. De acordo com Jorge Leite,

definições únicas e definitivas sobre corpos e identidade sexuais e seus limites entre masculinidades e feminilidades nunca existiram, variando conforme os grupos e os discursos (médicos, religiosos, políticos) mesmo em uma época específica (p. 25).

De certo modo, o livro marca uma continuidade do autor no tratamento das temáticas relacionadas às “maravilhas do sexo”. Leite revela que seu interesse teve como ponto de partida uma pesquisa sobre pornografia com travestis, referindo-se à sua pesquisa de mestrado, intitulada *Das Maravilhas e Prodígios Sexuais – A Pornografia ‘Bizarra’ como Entretenimento* (Leite Jr., 2006). Segundo o autor,

Ao analisar os corpos que são ou fazem coisas fantásticas no campo do imaginário pornográfico, percebi que as travestis encarnam, neste discurso específico da cultura de massas, a espetacularização da questão sexual/corporal e os limites entre as concepções de corpos e gêneros “masculinos” e “femininos” (p.23).

Em *Nossos corpos também mudam*, frase tomada de empréstimo da obra *Metamorfose*, de Ovídio, Jorge Leite convida o/a leitor/a a refletir sobre a produção de identidades contemporâneas, a maneira como elas são interpretadas e constantemente recriadas, a definição do que é *ser humano* e, ainda, a produção discursiva que não apenas *escreve sobre* os sujeitos, mas que *prescreve como* os sujeitos devem pensar e agir.

O século XIX aparece como momento paradigmático de consolidação da *epistémê* moderna. É quando surge o pseudo-hermafrodita, que passará a ser considerado/a pelo saber médico homens ou mulheres “incompletas”, “desviados” de uma “ordem natural” (p. 61). Para Jorge Leite, o “moderno travestismo” está relacionado com o surgimento do hermafrodita psíquico ou pseudo-hermafrodita do século XIX, momento no qual “os traços de indefinição entre homens e mulheres migram para a psique como o último grau de uma sutil mistura entre os sexos” (p. 89).

Os termos “travesti” e “travestismo”, associados ao uso erótico/sexual de roupas do sexo “oposto” e como categoria clínica nova, aparecem pela primeira vez em 1910, lembra o autor, em um dos “mais importantes e completos” estudos científicos sobre sexualidade e vestimentas: *Die Transvestiten*. Nesse texto, escrito pelo médico e psicólogo alemão Magnus Hirschfeld – um dos criadores da sexologia –, o desejo de se travestir com roupas associadas ao sexo “oposto” não está ligado diretamente à orientação sexual. Na mesma obra de 1910, o médico também adotou o termo transexualismo psíquico ou transexualismo da alma para referir-se a algumas pessoas travestis por ele analisadas. Jorge Leite ressalta que alguns/as autores/as afirmam que Hirschfeld só vai utilizar o termo “transexualismo” em 1923.

A segunda parte do livro é reservada à análise do “nascimento” da transexualidade. Novo protagonista, novos referenciais teóricos. De acordo com o autor, o “nascimento da transexualidade” se dá na lógica da sociedade de controle, conforme pensada pelo filósofo Gilles Deleuze. Diferente da “sociedade disciplinar” (final do século XVIII e início do XX) pensada por Foucault, a sociedade de controle

não mais busca a compartimentação das sexualidades e isolamento dos desviantes, mas promove a compulsória participação e “inclusão” social, mais próxima da organização do conceito de transexualismo (para a medicina) e transexualidade para a militância política (p. 119).

Jorge Leite observa ainda que,

Desta mescla de teorias e conceitos, a ideia de “transexualismo” começa a se formar a partir de “travestismo”, no início como ramificação de uma variedade deste, depois, adquirindo uma nosografia e caracterização próprias (p. 136).

Desse modo, o conceito de transexualidade passa a ser associado, a partir da segunda metade do século XIX, ao desenvolvimento das tecnologias hormonais, cirúrgicas e protéticas, ao mesmo tempo em que é festejado pela mídia – o autor lembra diversos casos estrangeiros de “mudança de sexo” divulgados pelos jornais.

O endocrinologista alemão Harry Benjamin não ficará de fora desse debate midiático, sendo um dos responsáveis por marcar as diferenças entre travestis e transexuais, sublinha Jorge Leite. Benjamin será responsável ainda pela criação do padrão científico para o reconhecimento do “verdadeiro ser transexual”. Seus estudos, assim como os do psicanalista e psiquiatra Robert J. Stoller, contribuiram para intensificar a separação entre travestis e transexuais. Para Stoller, “os” travestis estavam associados à periculosidade de uma perversão e a uma falsidade, enquanto os/as transexuais, à infelicidade de uma aberração sexual não pervertida, uma disforia ou transtorno.

No sétimo capítulo do livro, mais precisamente no tópico “Os termos ‘travesti’ e ‘transexual’ no Brasil”, Leite, aponta brevemente o “descompasso entre as rígidas classificações oficiais e a fluidez das identificações cotidianas” no Brasil (p. 198). Nesse tópico, faz um breve exercício de transposição das teorias e classificações dos códigos e manuais estrangeiros para problematizar a peculiaridade brasileira, concluindo que o sujeito (re)conhecido historicamente como travesti no Brasil – aquela pessoa que adota o gênero feminino, realiza intervenções cirúrgicas, usa cotidianamente roupas e adereços associados ao mundo feminino, mas que, a priori, não deseja realizar a cirurgia

de transgenitalização – é chamado em países estrangeiros de transexual secundário. Enquanto aquele definido como travesti (*travestismo fetichista* e *fetichismo transvéstico*, de CID e DSM, respectivamente) se aproximaria da experiência das pessoas *crossdressers* (ou CD) ou, ainda, montadas/os – sujeitos que eventualmente usam roupas associadas ao sexo oposto.

Contudo, foram raros os casos brasileiros analisados pelo autor. Após a leitura do livro de Jorge Leite, o/a leitor/a poderá questionar como, no Brasil, esses discursos foram apropriados pelos literatos, filósofos, médicos. De que formas os sujeitos travestis e transexuais vivenciaram as diferentes travestilidades e transexualidades? Sem dúvidas, a contribuição do trabalho resenhado seria ainda maior se trouxesse um olhar sobre a apropriação desses discursos biomédicos no Brasil.

O caminho percorrido por Leite, da Antiguidade à Contemporaneidade, foi certamente longo; os textos analisados (filosóficos, literários, médicos), diversificados; as questões levantadas, inúmeras. Tempo e narrativa parecem estar atravessados por uma questão central: quais “os limites da fisiologia, espiritualidade, de lugares e papéis criados, ordenados e desejados entre as pessoas conhecidas e reconhecidas como ‘homens’ e ‘mulheres?’” (p. 31). Outra questão relevante: como as experiências dos/as travestis e transexuais desestabilizam as normas de gênero – baseadas no conceito de dois sexos distintos e opostos – forjadas no século XVIII, mas que definem, ainda hoje, não apenas o que é ser homem/mulher, mas o que é *ser humano*?

O livro *Nossos corpos também mudam...* nos revela que as experiências dos/as sujeitos travestis e transexuais modernos foram escritas, descritas e prescritas pelos discursos médicos como perversão. Esses discursos, aparentemente esquecidos nos arquivos e/ou bibliotecas, continuam alimentando – como palimpsestos – nossas percepções sobre as experiências *trans*. Contudo, como mostra Jorge Leite, essa produção discursiva foi/é atravessada por conflitos e contradições. Faz-se importante observar como, nas recentes etnografias sobre travestis, os sujeitos (quase sempre)

escapam às definições e classificações, (re)inventando-se corporal e subjetivamente de modo contingente e estratégico.

### **Referências bibliográficas**

BENEDETTI, Marcos Renato. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro, Garamond, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro, NAU editora, 2002.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, 2005.

LEITE Jr., Jorge. *Das Maravilhas e Prodígios Sexuais – A Pornografia “Bizarra” como Entretenimento*. São Paulo, Annablume/Fapesp, 2006.